MOBY DICK ou A BALEIA

de Herman Melville
(1819 – 1891)

RESUMO DA NARRATIVA

“Moby Dick” ou “A Baleia” é o maior romance escrito nos Estados Unidos da América e o único livro de ficção do continente americano incluído por Mortimer Adler na lista *“Great Books of the Western World”*. Paradoxalmente, a obra não obteve com facilidade este reconhecimento, possivelmente porque caiu na autoarmadilha do título “Moby Dick”, que lhe confere certo e falso ar de literatura juvenil. (Na verdade, a dificuldade foi vivida pelo autor ainda em vida. Melville não obteve, de um público acostumado a ler histórias de aventuras, a atenção necessária para uma história metafísica). Foi apenas trinta anos após a morte do autor – que acabou sua carreira literária esquecido – que o mundo intelectual conseguiu entender o “Moby Dick”. Quando finalmente isto aconteceu, a obra de Herman Melville (1819-1891) foi içada ao olimpo das obras existencialistas, tendo Albert Camus (1913-1960) reiteradamente insistido: *“Melville é o Homero dos mares do Sul”*.

O livro, dividido em cento e trinta e cinco pequenos capítulos, conta epicamente a história do baleeiro *Pequod* à caça de um poderoso cachalote branco nos mares do Sul. Seu comandante é o capitão Acab, cuja perna havia sido perdida em confronto anterior com o cetáceo. Entremeado à narrativa, há detalhado tratado de cetologia, cujos dados, em parte, teriam sido obtidos por Melville a partir da própria experiência como tripulante do baleeiro *Acushnet*, em 1841.

A aparência aventuresca da obra não deve nos enganar. Lewis Mumford, citado por Mortimer Adler, afirma: *“Em profundidade de experiência e iluminação religiosa, quase não há livro do século dezenove, com exceção dos escritos por Dostoiévski, que possa ombrear com ele”*[1]. Jorge Luís Borges chama a obra de *“romance infinito... Página por página, a narrativa se avoluma até alcançar o tamanho do cosmo”*.

A história é contada por Ismael, um jovem tripulante do navio que acompanha a caçada. Nesta obra, os nomes das personagens, em geral, têm sentido simbólico, sobretudo os nomes bíblicos.

[1] Nota do resumidor – Tradução de José Monir Nasser.

Entediado e deprimido, um jovem de Nova Iorque viaja para o Norte para agregar-se a um baleeiro e ir ver a *"parte aquosa do mundo"*. Tal cura para a melancolia, diz ele, substitui a *"pistola e a bala"* e o velho modo romano de lidar com a falta de desejo de viver: atirar-se sobre uma espada. Seu nome é Ismael e seu destino é Nantucket, Massachussets. A abertura da história ficou famosa:

> *"Chamai-me Ismael. Há alguns anos – quantos precisamente não vem ao caso -, tendo eu pouco ou nenhum dinheiro na carteira e sem nenhum interesse em terra, ocorreu-me navegar por algum tempo e ver a parte aquosa do mundo. É a minha maneira de dispersar o spleen e de regular a circulação do sangue. Sempre que sinto na boca uma amargura crescente, sempre que há em minha alma um novembro úmido e chuvoso, sempre que dou comigo parando involuntariamente diante de empresas funerárias ou formando fila em qualquer enterro e, especialmente, sempre que minha hipocondria me domina a tal ponto que necessito apelar para um forte princípio de moral a fim de não sair deliberadamente à rua e atirar ao chão, sistematicamente, os chapéus das pessoas que passam... então, calculo que é tempo de fazer-me ao mar, e o mais depressa possível. O mar é o meu substituto para a pistola e a bala. Com alarde filosófico, Catão se arremessou sobre a sua espada; quanto a mim, embarco tranquilamente. Não há nisso nada de surpreendente. Se a maioria dos homens o soubesse, fosse qual fosse a sua categoria social, compartilharia comigo, numa época ou noutra, os sentimentos que o oceano me inspira."* (pág. 25)
>
> (...)
>
> *"Se alguma vez sentirdes sede no grande deserto americano, fazei a experiência, se é que a vossa caravana dispõe de um professor de metafísica. Sim, como todo mundo sabe, a meditação e a água estão unidas para sempre."* (pág. 26)

A fascinação de Ismael pelo mar é explicada pelo mito de Narciso:

> *"Por que é que os antigos persas consideravam o mar como sagrado? Por que razão lhe atribuíam os gregos um deus especial, o próprio irmão de Júpiter? Seguramente, tudo isso tem um sentido. E mais profundo ainda é o significado do mito de Narciso, que, por não poder agarrar a imagem suave e atormentada que viu na fonte, mergulhou dentro dela e se afogou. Pois a mesma imagem vemos nós em todos os rios e oceanos. É a imagem do inacessível fantasma da vida; é aí que se encontra a chave para tudo."* (pág. 27)

Carregando seus poucos pertences numa bolsa de viagem, Ismael passa por New Bedford na noite de sábado e procura hospedagem. Despreza a "Arpões Cruzados" (*"The Crossed Harpoons")* e a "Hospedaria do Peixe-espada" (*"The Sword-Fish Inn")* e acaba escolhendo a "Estalagem do Jorro" (*"The Sprouter-Inn")*, dirigida por Peter Coffin[2]. Como não há quarto livre, é obrigado, a contragosto, a dividir uma cama com Queequeg, um selvagem tatuado que comercializa cabeças humanas embalsamadas e se barbeia com um arpão: *"É melhor dormir com um canibal sóbrio do que com um cristão bêbado"*. O selvagem – nativo da ilha de Rokvoko, perto da Nova Zelândia – é, surpreendentemente, muito amigável e, sob certos aspectos, mais civilizado que os europeus. Quando Queequeg diz que sua ilha não está no mapa, Ismael emenda: *"Os lugares de verdade nunca estão"*. Queequeg é filho de um rei e deixou sua ilha pela aventura da caça à baleia e, ao mesmo tempo, para conhecer os cristãos: *"Queequeg era um George Washington canibal"*.

No domingo, a cidade pulula de marinheiros de todas as origens. Ismael vai à Capela dos Baleeiros e encontra o padre num púlpito em forma de navio:

> *"Que poderia existir de mais significativo? Porque o púlpito é sempre a parte avançada da terra. Tudo o mais vem depois dele. É dele que se divisa primeiro a tormenta da rápida cólera divina e a proa deverá suportar o primeiro embate. É do púlpito que se invoca primeiro ao deus das brisas favoráveis ou contrárias, para pedir-lhe ventos propícios. Sim,*

[2] Nota do resumidor – *Coffin* significa ataúde em inglês. Nos Estados Unidos, nosso folclórico Zé do Caixão é conhecido como *"Joe Coffin"*.

o mundo é um navio em plena travessia e que não terminou a viagem, e o púlpito é a sua proa.” (pág. 63)

O sermão do padre Mapple daquele domingo versava sobre o livro de Jonas[3] e a baleia.

“Companheiros de navio, este livro que contém apenas quatro capítulos – quatro narrativas – é um dos mais finos do poderoso cabo das Escrituras. Contudo, a que profundidade da alma chegou a sonda de Jonas! Que lição fecunda nos dá esse profeta! Como é nobre esse cântico no ventre do peixe! Como é grande e tumultuoso! Sentimos as ondas que se agitam sobre nós, mergulhamos com Jonas no mais profundo do oceano; estamos rodeados de algas e de todo o limo do mar. Mas qual é a lição que nos ensina o livro de Jonas? É uma lição de dois cabos, companheiros. Uma lição para todos nós, como pecadores, e uma lição para mim, piloto do Deus vivo. É uma lição para nós, como pecadores, porque é a história do pecado e da dureza de coração, de terrores subitamente despertados, do rápido castigo, do arrependimento, das preces e finalmente da libertação e da alegria de Jonas. Como acontece a todos os pecadores, o pecado deste filho de Amitai estava na desobediência deliberada a um mandamento de Deus – não importa qual fosse este mandamento ou a maneira pela qual Deus o comunicou e que a Jonas pareceu demasiado duro. Mas todas as ordens que Deus nos dá são duras de cumprir – lembrai-vos disso. Daí, muitas vezes, ele antes nos ordena do que tenta persuadir-nos, E se obedecemos a Deus, devemos desobedecer a nós mesmos, e é nessa desobediência que consiste a dificuldade de obedecer a Deus.

Tendo em si este pecado da desobediência, Jonas tentou ademais zombar de Deus, procurando fugir-lhe. Pensou que um navio construído por homens poderia levá-lo a países onde Deus não reina, onde reinam apenas os capitães deste mundo. Errou pelas docas de Jope em busca de um navio destinado a Társis. Aqui se esconde uma significação que talvez passasse despercebida até agora. De acordo com todos os indícios, Társis não pode ser outra cidade senão a moderna Cádiz. Tal é a opinião dos eruditos. E onde está situada Cádiz, companheiros? Na Espanha, isto é, no lugar mais distante de Jope que Jonas poderia ter alcançado por mar, naqueles tempos em que o Atlântico era um mar quase desconhecido. Porque, companheiros, a cidade de Jope, a moderna Jafa, fica na costa mais oriental do Mediterrâneo, a costa síria. E Társis ou Cádiz fica a mais de duas mil milhas desta, justamente na saída do estreito de Gibraltar. Não compreendeis, pois. Companheiros, que Jonas queria fugir de Deus, dirigindo-se para o outro extremo da Terra! Desgraçado! Oh! o mais desprezível, o mais digno de zombarias de todos os seres! Com o chapéu caído sobre os olhos e um olhar de culpado procurava enganar a Deus! Errando entre os navios, como o mais vil dos ladrões, está ansioso para cruzar os mares. O seu olhar era tão confuso e tão equívoco que, se existisse polícia naqueles dias, Jonas, sob a simples suspeita de qualquer má ação, teria sido detido antes de chegar ao convés do navio. Como se reconhece facilmente que é um fugitivo! Sem bagagem, sem caixa de chapéus, sem uma valise ou bolsa, sem amigos que o acompanhem ao cais para dizer-lhe adeus. ” (págs. 65-66)

(...)

“Contemplai agora Jonas erguido como uma âncora e arrojado ao mar. De súbito, vem de leste uma calma e o mar se torna de óleo: Jonas leva consigo a tempestade, deixando atrás de si as águas tranquilas. Tanto se afoga no centro de um tumulto violento que apenas nota o momento em que, agitado, cai dentro das queixadas abertas para recebê-lo. A baleia cerra com força todos os seus dentes de marfim, como outros tantos ferrolhos brancos de uma prisão. Então Jonas rogou ao Senhor, de dentro das entranhas do animal. Mas prestai atenção à sua prece e tirai dela uma poderosa lição. Porque, ainda que grande

[3] Nota do resumidor - Jonas, um profeta do Velho Testamento, teria recusado a missão de pregar contra o mal em Nínive e tentado escapar de seu destino pelo mar. Quando uma poderosa tempestade ameaçou seu navio, ele admitiu à tripulação que era a causa do fenômeno, que Deus estava furioso com ele e os marinheiros o atiraram no mar. Uma baleia branca o engoliu por três dias e o cuspiu depois que Jonas rezou por sua libertação e aceitou a missão em Nínive.

pecador, Jonas não chora nem geme pedindo uma libertação imediata. Compreende a justiça do seu terrível castigo. Deixa nas mãos de Deus a sua libertação, contentando-se em afirmar que, a despeito de todas as suas dores e aflições, continuará a dirigir o olhar para o seu santo templo. Aqui, companheiros de bordo, descobrimos um arrependimento fiel e legítimo: não clama pelo perdão, mas agradece o castigo. A que ponto essa conduta de Jonas foi agradável ao Senhor, prova-o a sua libertação final do mar e das entranhas da baleia. Companheiros, não vos apresento Jonas para que copieis o seu pecado, e sim como modelo de arrependimento. Não pequeis, mas se o fizerdes, procurai arrepender-vos, como fez Jonas." (págs. 70-71)

Após contar esta história, o padre Mapple...

"Calou-se e por um momento foi como que arrebatado para longe de si próprio, mas logo, erguendo outra vez o rosto, exclamou com entusiasmo celestial:

'Porém, oh! companheiros de bordo, a estibordo de qualquer aflição se encontra um prazer seguro e o auge desse prazer é muito mais elevado do que é profundo o abismo da aflição. Por acaso não são mais altos os topes do mastro grande do que a maior profundidade da quilha? Alegria – uma alegria grande, excelsa, interior – para aquele que mantém, perante os deuses e comandantes deste mundo, o seu próprio eu inexorável! Alegria para aquele cujos braços poderosos o apoiam, quando a nave traiçoeira e ruim deste mundo se afunda sob os seus pés! Alegria para aquele que não repousa em busca da verdade e que mata, queima e destrói todo pecado, ainda mesmo que seja preciso arrancá-lo de sob a toga de senadores e juízes. Alegria – uma alegria incomensurável para aquele que não reconhece outra lei nem outro senhor senão o seu Deus, e que só é patriota do céu! Alegria para aquele a quem as ondas dos mares das multidões buliçosas não conseguem apartar desta quilha segura das Idades. Alegria e delícia eterna para aquele que no momento de entregar-se ao último repouso pode dizer, com o último suspiro: 'Pai a quem conheço principalmente por tua vara, mortal ou imortal, morro aqui. Lutei para ser teu, muito mais do que para ser deste mundo ou de mim mesmo. Contudo, isso nada representa, deixo-te a eternidade; pois que é o homem para pretender viver toda a vida de seu Deus?

Não disse mais. Depois de traçar vagarosamente uma bênção, cobriu o rosto com as mãos e ficou ajoelhado, até que todos os fiéis se retiraram e o deixaram sozinho."[4] (págs. 72-73)

Ismael e Queequeg combinam de continuar juntos viagem para Nantucket e procurar posição em um baleeiro. Em Nantucket (uma ilha na costa) acabam na "Pousada da Panela" ("*Try Pots Inn")* onde matam a fome com bacalhau e *chowder*[5]. Ismael, por prudência, oferece sozinho seus serviços ao decadente barco *Pequod*[6] e, após entrevista com os donos, os capitães Peleg e Bildad[7], consegue o emprego, recebendo um trezentos avos da receita. Recomenda em seguida Queequeg como excelente arpoador, mas o selvagem precisa comparecer provavelmente para uma entrevista. Ismael fica sabendo que o *Pequod* é capitaneado pelo capitão Acab[8] que, apesar de ter o nome de um rei judeu perverso, segundo Peleg, seria um bom homem casado e pai de uma filha. Ismael não pode vê-lo, por estar recluso.

"- Não penso que possas vê-lo presentemente. Não sei exatamente o que acontece com ele, mas o certo é que se encerra em casa, como se estivesse doente e contudo não está. Na realidade, não está doente, mas também não está bom. Seja como for, nem sempre quer ver-me e muito menos consentirá em ver-te. É um homem curioso o capitão Acab, assim pensam alguns. Mas é um homem bom. Oh! Gostarás dele, não te preocupes, não

[4] Nota do resumidor – A cena do sermão do padre Mapple é uma das mais impressionantes da literatura universal e é altamente recomendável lê-la na íntegra. Na "Peste", de Albert Camus, há referências a ele no sermão do padre Paneloux.
[5] Nota do resumidor – *Chowder* é uma sopa de mariscos típica da Nova Inglaterra.
[6] Nota do resumidor – *Pequod* é uma tribo indígena americana dizimada pela colonização.
[7] Nota do resumidor – Personagens bíblicas: Peleg, que significa divisão, é um dos filhos de Eber; Bildad, que significa filho da discórdia, é um dos amigos de Jó.
[8] Nota do resumidor – A personagem bíblica do rei Acab, casado com a rainha Jezebel, deu muito trabalho a Deus e acabou morto na guerra.

te preocupes. É um grande ímpio, um homem que parece um deus[9]*. O capitão Acab não fala muito, mas quando fala vale a pena escutá-lo. É bom que fiques prevenido. Acab é um homem fora do comum. Tanto pode estar entre senhores como entre canibais, está acostumado às maiores profundidades das ondas; cravou a sua lança feroz em inimigos mais estranhos e poderosos do que as baleias. A sua lança! Sim, é a mais pontiaguda e segura de todas as da nossa ilha. Oh! Não é o capitão Bildad, nem o capitão Peleg, é Acab, rapaz, e Acab no mundo antigo, deves saber, foi um rei!*

- E um rei muito mau. Quando esse rei perverso foi morto, os cães não lhe lamberam o sangue?" (pág. 107)

Quando Queequeg mostra-se, Peleg e Bildad recusam-no por ser pagão, mas Ismael inventa uma certa "Primeira Igreja Congregacional" que, como a deles, estaria unida no Cristianismo e quando Queequeg demonstra sua extraordinária habilidade com o arpão, o aborígene consegue o emprego também, na base de noventa avos da receita. Na sequência, a dupla encontra Elias, um louco que lhes cobra sua situação junto ao Todo Poderoso e diz coisas perturbadoras sobre Acab a quem ele chama de "Velho Trovão": Acab teria perdido uma perna para uma grande baleia e agora andaria com uma prótese feita de osso de maxilar de baleia. Elias diz que Acab sofre de alguma doença e quer saber se Ismael havia negociado sua alma para fazer parte da tripulação do *Pequod*. Ismael, muito curioso sobre Acab, interroga Elias.

"- Que sabes a seu respeito?

- Que lhe disseram a respeito dele? Vamos, diga.

- Não me disseram muito. Apenas que é um bom baleeiro e um bom comandante para a sua tripulação.

- Isso é verdade; é a pura verdade. Ele é tudo isso. Porém quando der uma ordem, é preciso saltar, andar, grunhir e ir-se embora. Com o capitão Acab é assim. Mas não lhe contaram nada acerca do que lhe aconteceu ao largo do cabo Horn, há tempos, quando ficou como morto durante três dias e três noites? Nada sobre aquele combate mortal com os espanhóis, em Santa? Nada sobre isso? Nada sobre a cabaça de prata na qual cuspiu? Nada a respeito da perna que perdeu na sua última viagem, de acordo com a profecia? Não ouviu nenhuma palavra sobre estes assuntos e outros? Não; penso que não ouviu. Como poderia ter ouvido? Quem o sabe? Ninguém em Nantucket, segundo penso. Mas, seja como for, talvez tenha ouvido falar acerca da perna, e como ele a perdeu; sim, sim, ouviu falar nisso, suponho. Oh! Sim! disso quase todos sabem, quero dizer: sabem que ele tem só uma perna, que um cachalote arrancou-lhe a outra." (pág. 121)

(...)

"Estão para embarcar, não é verdade? Já assinaram os papéis? Bem, o que está assinado e o que tem de ser será, ou, torno a dizer, também pode ser que não aconteça. De qualquer maneira, tudo está resolvido e arranjado de antemão. Afinal de contas, um ou outro marinheiro terá de ir com ele, seja este ou aquele, e que Deus tenha piedade deles. Bom dia, marinheiros, bom dia. Que o céu inefável os abençoe. Lastimo tê-los detido.

- Escute, amigo – disse eu -, se tem algo de importante par nos contar, conte imediatamente. Mas se está simplesmente tentando nos enganar, creio que esteja perdendo tempo com a sua brincadeira. É tudo o que tenho a dizer-lhe.

- Muito bem dito. Gosto de ouvir um sujeito falar assim. É justamente o homem que lhe convém. Gosta de tipos assim. Bom dia, marinheiros, bom dia. Quando chegarem lá, digam aos tripulantes que resolvi não ser um deles." (pág. 122)

Carregado com provisões, o *Pequod* faz velas ao meio-dia do Natal para uma viagem de três anos. Há marinheiros de todas as origens. Um pouco antes da partida, a dupla é abordada por Elias que faz um último comentário sinistro:

"Mas ele aproximou-se outra vez de nós e, sem demora, tocando-me no ombro, disse:

[9] Nota do resumidor – No original está marcado: *"He's a grand, ungodly, god-like man"*.

- Viu o senhor alguma coisa parecida com homens que se dirigiam ao navio, faz algum tempo?
- Sim, parece-me que vi quatro ou cinco homens, mas estava muito escuro para se poder enxergar bem – respondi, impressionado com aquela pergunta concreta.
- Muito escuro, muito escuro – disse Elias. – Bom dia, senhores.
Afastamo-nos novamente, porém mais uma vez ele se aproximou de nós sorrateiramente e, batendo-me de novo no ombro, disse: - Veja se pode encontrá-los, por favor.
- Encontrar a quem?
- Bom dia, bom dia, senhores – repetiu ele afastando-se. – Eu ia pô-los de sobreaviso, mas não tem importância. É tudo a mesma coisa e estão em família também. Frio cortante esta manhã, não é verdade? Adeus. Penso que os verei em breve. Do contrário só diante do Grande Júri.” (págs. 127-128)

Ismael está orgulhoso de ser um baleeiro, porque a pesca da baleia seria uma das indústrias mais importantes e nobres, verdadeiro esteio da economia mundial, e desbravadora de rotas marítimas para navios mercantes e de passageiros.

O primeiro piloto é um honrado *quaker* de Nantucket chamado Starbuck, cujos pai e irmão haviam morrido no mar: *“Não quero no meu navio homem que não tenha medo de baleia”*. Queequep seria seu arpoador. O segundo piloto é um marinheiro “cabeça-fresca” de Cape Cod, chamado Stubb, auxiliado por Tashtego, um arpoador indígena americano. O terceiro piloto é o divertido Flask, um residente de Martha’s Vineyard, auxiliado pelo arpoador negro Daggoo. Starbuck tem ar grave, como que passando por grande desânimo.

“Mas se a narrativa subsequente fosse revelar, de qualquer maneira, o abatimento completo da fortaleza do pobre Starbuck, mal teria eu forças para escrevê-la; porque o que há de mais triste, e mais espantoso, mesmo, é a revelação da falta de valor de uma alma. Os homens podem parecer detestáveis como sociedades anônimas ou como nações; pode haver patifes, loucos e assassinos; muitos homens têm rostos vulgares e magros, mas o homem, como ideal, é tão nobre, tão resplandecente, tão grande e esplêndida criatura, que diante de qualquer mancha ignominiosa que sobre ele caísse todos os seus semelhantes deveriam correr e cobri-lo com os seus mais custosos trajes. Essa virilidade imaculada nós a sentimos dentro de nós, às vezes, tão dentro de nós, que permanece intacta quando todo o caráter exterior parece ter desaparecido - e é ela que sangra com a mais penetrante angústia, ante o espetáculo oferecido por um homem de coragem arruinada. Diante de tão vergonhoso quadro, nem mesmo a piedade pode sufocar essa sublevação contra as estrelas que tal permitiram. Porém essa dignidade augusta de que falo não é a dignidade dos reis nem das roupagens e sim a dignidade rica que não reside na pompa exterior. Vemo-la brilhar no braço que maneja uma picareta ou que crava um prego; é essa dignidade democrática que irradia incessantemente de Deus, em todas as direções. De Deus, do grande Deus absoluto! O centro e a circunferência de toda a democracia! A sua onipresença, a nossa igualdade divina!” (pág. 146)

Ismael passa os seus primeiros dias de viagem perturbado pelos comentários sinistros de Elias e imaginando Acab, que ainda não dera as caras no convés. Quando o capitão finalmente aparece altivo e autoconfiante, com a ponta de sua perna artificial encaixada num buraco cavado no convés e sem exibir qualquer sinal de enfermidade (ao contrário do sugerido por Elias), Ismael descreve-o:

“Não havia nele indício algum de qualquer enfermidade corporal, nem também de convalescença. Parecia um homem que tivesse sido retirado de um poste, depois de ter o fogo corrido em vão todos os seus membros, sem os consumir ou levar uma partícula sequer da sua compacta robustez anosa. O seu corpo alto e forte parecia feito de sólido bronze e fundido num molde inalterável, como o Perseu de Cellini. Abrindo caminho entre os cabelos grisalhos e descendo por uma das faces curtidas de sol, e pelo pescoço, até desaparecer sob a roupa, via-se uma marca delgada e de uma brancura lívida, como feita por uma vara.” (pág. 154)

Para se compreender melhor a personalidade de Acab, o narrador nos conta a seguinte passagem. De modo geral, Acab evitava caminhar sobre o convés quando a tripulação dormia para não perturbar ninguém com a batida da ponta de osso na madeira. No entanto, uma vez, quando os homens dormiam, Acab começou a percorrer o tombadilho:

> *"E assim aconteceu que, enquanto ele media o convés do navio a passos retumbantes desde a amurada até o mastro grande, Stubb, o segundo piloto, subiu e com humorismo pouco seguro, desculpando-se, sugeriu que se o capitão Acab queria passear no tombadilho, ninguém poderia fazer objeção a isso, mas – hesitando e de maneira confusa – devia procurar um meio de atenuar o ruído: pôr, por exemplo, uma bola de estopa no calcanhar de marfim.*
> *Ah! Stubb, não conhecias Acab!*
> *- Serei por acaso uma bala de canhão para que me envolvas desta maneira? – disse Acab. – Mas segue o teu caminho. Eu tinha esquecido. Desce para o teu túmulo noturno, para o túmulo onde a gente da tua espécie dorme entre os lençóis, para se acostumar ao sono final. Desce, cão, e já para o canil.*
> *Estremecendo a essa última e imprevista exclamação do velho que se tornara de súbito tão mordaz, Stubb ficou silencioso por um momento, em seguida disse, exaltado:*
> *- Não estou habituado a que me falem dessa maneira, senhor. Nem sequer a metade disso.*
> *- Afasta-te – disse Acab entre os dentes cerrados e retrocedendo com violência, como para evitar uma tentação apaixonada.*
> *- Não senhor, ainda não – tornou Stubb com ousadia. – Não deixarei que me chamem de cão sem protestar.*
> *- Chamo-te então dez vezes burro, cavalo, jumento... Vai-te embora, antes que eu livre o mundo da tua pessoa.*
> *Dizendo isso, Acab avançou para ele com um aspecto tão terrível que involuntariamente Stubb retrocedeu."* (págs. 158-159)

(Neste ponto, Ismael interrompe a narrativa e faz longa descrição da criatura marinha que eles caçam, fornece descrição técnica da baleia e insiste, contra a opinião de Lineu, que se trata de um peixe e não de um mamífero. Explica a diferença entre as variedades de baleias como o cachalote, a baleia propriamente dita, o rorqual, a corcovada, a baleia-navalha, a mancha-de-enxofre, a orca, o peixe-negro, o narval, o matador, o flagelador, a marsopa-hurra, a marsopa-argelina, e a marsopa-da-boca-enfarinhada[10].)

Como os outros tripulantes, Ismael precisa montar guarda no alto do mastro. O horizonte é sempre monitorado, mesmo fora das águas com baleias. Durante sua primeira vigília, Ismael distrai-se facilmente, enfeitiçado pela imensidão do céu em torno dele; o rapaz conclui que não é dos melhores vigias.

> *"Deixai que me confesse aqui francamente; fazia as minhas guardas de modo bastante deficiente. Com o problema do universo revolvendo-se dentro de mim, como poderia, pois, observar, se não de maneira imperfeita, a regra dominante em todos os baleeiros: 'Presta atenção e grita de vez em quando?' "* (pág. 193)

Embora todos pensem que o *Pequod* está caçando baleias quaisquer, certo dia Acab reúne a tripulação e, caminhando sobre o tombadilho, revela finalmente seu plano para a viagem: perseguir e matar Moby Dick, o cachalote que havia destruído sua perna. O capitão prega um dobrão espanhol de ouro no mastro principal e promete dá-lo a quem localizar a baleia. Acab justifica:

> *"- Sim, sim, foi essa maldita baleia branca que me destruiu, que fez de mim um pobre perna de pau para toda a vida! – Depois, agitando ambos os braços com imprecações desmedidas, gritou: - Sim, sim! Vou persegui-la em torno do cabo da Boa Esperança, em*

[10] Nota do resumidor – Explicações detalhadas de tecnicidades da baleia e de sua caça dão credibilidade ao narrador e autenticidade à obra.

torno do cabo Horn, em torno do Maelstrom norueguês, em torno das chamas do inferno, antes de me dar por vencido. E foi para isso que embarcamos, marinheiros! Para caçar o cachalote branco de ambos os lados da terra e de todos os lados do globo, até que lance um jato de sangue negro e role com a barbatana de fora. Que dizeis, marinheiros! Selaremos agora o pacto com um aperto de mão? Penso que sois valentes!
- Sim, sim! – gritaram todos os arpoadores e marinheiros, aproximando-se mais do exaltado velho. – Olho vivo para Moby Dick; uma lança aguda para Moby Dick!
- Deus vos abençoe – disse ele, meio em soluços meio aos gritos. – Deus vos abençoe, marinheiros. Despenseiro! Vai buscar a grande medida de grogue. Mas por que razão está com a cara desse tamanho, senhor Starbuck? Não caçará a baleia branca? Não tem coragem para caçar Moby Dick?" (pág. 198)

Starbuck não está de acordo com aquele objetivo:

"- Tenho coragem para afrontar a sua queixada torcida, como tenho coragem para afrontar também as queixadas da morte, capitão Acab, sempre que se apresentar um motivo justo para isso, no negócio que seguimos. Mas vim aqui com o propósito de caçar baleias e não para vingar o meu comandante. Quantos barris de óleo te renderá essa vingança, no caso em que a realizes, capitão Acab? Não ganhas muito com ela no nosso mercado de Nantucket.

- Mercado de Nantucket! Fora! Mas aproxima-te, Starbuck, precisamos aprofundar isso. Se vamos medir pelo dinheiro, homem (e os contabilistas têm considerado o globo como o seu grande escritório, cercando-o de guinéus, separados uns dos outros por uma terça parte de polegada), então deixa que te diga: a minha vingança conquistará aqui um grande prêmio!
- Ele bate no peito – murmurou Stubb. – Para quê? Parece-me que repercute amplamente, mas é oco.
- Vingar-se de um pobre bruto! – gritou Starbuck. – Deixar-se dominar pelo mais cego instinto! Loucura! Enfurecer-se com um animal, capitão Acab, parece-me uma blasfêmia." (págs.198-199)

Mas Acab continua sua defesa da caça a Moby Dick:

"- Ouve ainda: discutiremos um pouco mais. Todos os objetos visíveis, homem, não são mais do que máscaras de papelão. Mas em cada acontecimento... o ato vivo, o feito indubitável... há sempre algo desconhecido, mas ainda assim racional, que projeta os seus contornos detrás da máscara que não raciocina. Se o homem quer bater, que o faça através da máscara. Como pode o prisioneiro alcançar o lado de fora, senão arremessando-se através da parede? Para mim o cachalote branco é a parede. Às vezes penso que apenas ele existe. Porém é bastante: atarefa-me. Avassala-me. Vejo a sua força atroz unida com a imperscrutável malícia que o reforça. Essa coisa imperscrutável é o que odeio principalmente e, quer seja o cachalote branco o agente, quer atue por sua própria conta, o certo é que descarrego sobre ele o meu ódio. Não me fales de blasfêmia, homem. Eu desafiaria até o sol, se ele me insultasse. Porque se o sol pudesse fazer isso eu podia cumprir o que disse, desde que há em tudo isso uma espécie de justiça, a inveja presidindo a toda criação. Nunca tive senhor, em matéria de justiça. Quem é superior a mim? A verdade não tem limites. Aparta os teus olhos. Mais intolerável que os olhares das fúrias é o olhar da estupidez. Que é isso? Coras e empalideces? O meu calor acendeu em ti a chispa da cólera. Porém olha, Starbuck, aquilo que se diz na cólera logo se desdiz por si mesmo. Há homens cujas palavras violentas não significam grande insulto. Não quero provocar-te. Deixemos isso. Olha: contempla aquelas faces turcas, curtidas e cheias de manchas, figuras vivas que respiram, pintadas pelo sol. Os leopardos pagãos; essas criaturas insensatas: vivem e procuram, e não apresentarão razões que justifiquem a vida tórrida que há neles. A tripulação, homem, a tripulação. Não está unanimemente com Acab, nessa questão da baleia? Olha para Stubb! Está rindo. Olha para aquele chileno

além! Ruge ao pensar na baleia. Ergues-te em meio do furacão geral, como um único arbusto frágil, Starbuck. E de que se trata? Imagina! Simplesmente de ferir uma barbatana, o que não é façanha miraculosa para Starbuck. E que mais? Ante essa insignificante pesca, a melhor lança de toda Nantucket não hesitará decerto, quando cada marinheiro do mastro de trinquete agarra uma pedra de amolar. Ah! O arrependimento se apodera de ti, bem vejo. A onda te alcança! Fala, fala! Sim, sim, o teu silêncio, esse é o que fala por ti. (À parte). As minhas narinas dilatadas expeliram algo que os seus pulmões aspiraram. Starbuck me pertence agora; não se pode opor a mim sem rebelião.

- Deus me guarde, guarde a todos nós! – murmurou Starbuck consigo mesmo."

Porém na sua alegria, com a aquiescência tática e fascinante do piloto, Acab não ouviu a sua invocação pressaga, nem ouviu o riso abafado que partia do porão, nem ainda as agoureiras vibrações dos ventos no cordame, nem também o bater seco das velas de encontro aos mastros, como se por um momento os seus corações tivessem parado de súbito. Porque novamente os olhos baixos de Starbuck se iluminaram com a obstinação da vida; o riso subterrâneo morreu, o vento começou a soprar, as velas se encheram, o navio se ergueu e rolou como antes. Ah! Advertências e presságios! Por que não vos detemos quando chegais? Porém sois antes predições e sombras do que advertências. Contudo não eram tanto predições de coisas exteriores como verificações das coisas precedentes, de dentro. Porque, havendo bem poucas coisas exteriores para nos impelir, as necessidades recônditas do nosso ser são as que nos dirigem silenciosamente." (págs.199-200)

À oposição solitária do religioso Starbuck, Acab retruca dizendo que aquela baleia não é um *"pobre bruto"*, mas o repositório das forças do mal no mundo que reprimem o homem. O capitão distribui o grogue entre os marinheiros (*"assim, a vida transbordante é tragada e se esvai"*), faz um ritual com lanças e os três arpões e descreve a aliança:

"- Agora são três contra três. Entregai os cálices matadores. Entregai-os, vós que passastes a fazer parte desta liga indissolúvel. Ei, Starbuck! O fato está consumado. O sol, que o ratifica, espera para se pôr sobre ele. Bebei, arpoadores, bebei e jurai, homens que tripulais a mortífera proa do navio baleeiro. Morte a Moby Dick! Que Deus nos persiga, se não perseguirmos Moby Dick até conseguirmos a sua morte!" (pág. 202)

Ao anoitecer, Starbuck medita:

"Oh, Deus! Navegar com semelhante tripulação que tem tão pouco de mães humanas! Gerados por este mar cheio de tubarões! A baleia branca é a sua górgona. Ouvi que orgia infernal! O tumulto que vem da proa contrasta com o silêncio absoluto da popa. Na verdade, parece a imagem da vida. Na frente o mar resplandecente arremessa-se contra o gurupés, alegre, oscilante, fortificado, mas apenas para arrastar consigo o sombrio Acab, e o camarote de popa onde ele medita, o camarote construído sobre as águas tranquilas da esteira do navio. E além disso, povoado pelo feroz barulho. O longo ulular me faz estremecer. Silêncio, dissolutos. Montai a guarda. Oh! A vida! É numa hora como esta, com a alma abatida e presa à razão, assim como as coisas selvagens e incultas são forçadas a sentir, oh, vida! É numa hora como esta que sinto o horror oculto que há em ti. Mas não sou eu! Este horror está fora de mim e com os suaves sentimentos humanos tentarei contudo lutar contra vós, lúgubres fantasmas do futuro. Ficai a meu lado, apoiai-me, guiai-me, potestades benditas!" (págs. 205-206)

Ismael, ao contrário, está entusiasmado com a perspectiva de caçar Moby Dick, mas está também assustado. Trata-se, pois, de um monstro "diabólico" que, segundo as histórias dos marinheiros, mandou homens e navios para o fundo do mar, enquanto saía ileso das arpoadas nos seus flancos.

"Forçados pois à familiaridade com semelhantes prodígios, e sabendo que, depois de vários e intrépidos assaltos, a baleia branca escapara com vida, não é pois motivo de

grande surpresa o fato de que alguns baleeiros se extremassem nas suas superstições e declarassem que Moby Dick era não somente ubíquo como também imortal (porque a imortalidade não é mais do que a ubiquidade no tempo) e que, conquanto se pudesse plantar nos seus flancos uma floresta de dardos, ele continuaria a nadar e desapareceria ileso, ou, mesmo que se conseguisse fazê-lo lançar um jato de sangue espesso, essa vista não seria mais do que um engano espectral, porque se tornava a ver o seu jorro límpido entre ondas sem sangue, centenas de léguas mais longe." (pág. 220)

De acordo com aqueles relatos, a criatura é imortal, invulnerável, sobrenatural e ubíqua: teria sido vista em dois cantos de mundo ao mesmo tempo. A brancura da baleia seria um sinal de morte, como a palidez de um homem moribundo. Ismael examina o significado da cor branca:

"Porém não resolvemos ainda o problema da magia da cor branca nem descobrimos por que razão ela atrai a alma com tal força, e, o que é ainda mais estranho e prodigioso, por que razão é ao mesmo tempo o símbolo das coisas espirituais, o verdadeiro véu da divindade cristã e contudo é o agente que dá maior relevo às coisas que mais atemorizam a humanidade.

Será porque, pelo que tem de indefinido, projeta a sombra sem coração dos vazios e imensidades do universo e assim nos apunhala pelas costas com a idéia de aniquilamento, no momento em que contemplamos as brancas dobras da Via Láctea? Ou será antes porque em essência o branco não é tanto uma cor visível como a ausência de cor e ao mesmo tempo a concreção de todas as cores? Será por essa razão que existe um silêncio ermo cheio de significação numa ampla paisagem de neve – a completa ausência de cor do ateísmo, que nos apavora? E quando consideramos essa outra teoria dos filósofos da Natureza, segundo a qual todas as outras cores terrestres, cada esmalte magnífico e encantador, as tintas suaves dos céus crepusculares e dos bosques, os veludos brilhantes das borboletas e as faces de borboleta das donzelas não são mais do que ilusões sutis de modo algum inerentes à substância e sim meras exterioridades, chegamos à conclusão de que a divina Natureza pinta-se como uma cortesã, cujas atrações nada cobrem senão o sepulcro que leva dentro de si. E ainda mais, quando consideramos que o mistério cromático, ou seja o grande princípio de luz, permanece para sempre branco ou incolor, em si mesmo, e que se atuasse sem ter ponto de apoio na matéria tocaria todos os objetos, fossem tulipas ou rosas, com a sua própria tonalidade vazia, chegamos à conclusão de que afinal de contas o universo é como um leproso; e, como os bisonhos viajantes da Lapônia que não querem usar óculos de cor, o viajante descrente sente-se cegar diante da mortalha monumental que envolve todas as perspectivas que o rodeiam. E de todas essas coisas a baleia branca constitui o símbolo." (págs. 234-235)

Enquanto Acab persegue a baleia, usando sua memória e os instrumentos de navegação, Ismael se distrai tecendo uma esteira com cordas, comparando com os destinos que são tecidos para os homens e perguntando-se se o livre arbítrio pode vencer o destino.

Repentinamente baleias são avistadas, os botes baixados e a caça começa. Acab dirige um dos botes com tripulação escolhida a dedo, incluindo um asiático chamado Fedallah (também chamado de "o Parse") que parece ter aparecido do nada, sem ter sido visto, até então, por ninguém da tripulação. Ismael o descreve:

"A figura que estava de pé no costado era alta e morena e tinha um dente branco que sobressaía de modo sinistro entre os lábios de aço. Vestia uma blusa chinesa de algodão, amarrotada, e umas calças largas da mesma fazenda. Ambas negras, e que lhe davam uma aparência fúnebre. Mas essa negrura de ébano era coroada magnificamente por um cintilante turbante branco prateado e pelo cabelo lustroso, trançado, enrolado e passado em volta da cabeça. De tez menos escura, os companheiros dessa figura tinham a pele amarelo-tigre própria de alguns indígenas das Manilhas, raça notável por certa sutileza diabólica e que alguns marinheiros brancos e dignos julgavam constituída por espiões do

> *mar, pagos pelo demônio, seu dono e senhor, agentes secretos e confidenciais dele, cujas oficinas – supunham – encontravam-se nalgum outro lugar."* (pág. 259)

A investida fracassa e os tripulantes desconfiam de Fedallah: Stubb acha que ele é o diabo disfarçado, que veio ajudar Acab a caçar a baleia branca e depois partir com a alma do capitão.

> *"Seja como for, o certo é que, ao passo que os fantasmas adventícios não tardaram a incorporar-se à tripulação, ainda que sem perder de todo as suas características, aquele Fedallah de turbante felpudo continuou sendo um mistério. Como se introduziu neste mundo polido, e por que espécie de inexplicável vínculo, cuja existência era evidente, estava ligado à sorte de Acab a ponto de possuir sobre ele uma influência bastante clara que talvez pudesse até mesmo transformar-se em autoridade efetiva, somente Deus o poderia saber, Mas no que se refere a Fedallah, a indiferença era impossível. Tratava-se de um desses seres que a pessoas civilizadas e caseiras da zona temperada veem apenas em sonhos, e isso mesmo vagamente, porém aparecem de vez em quando entre as imutáveis comunidades asiáticas, especialmente as das ilhas orientais a leste do continente, regiões isoladas, de antiguidade imemorial, inalteráveis, que ainda nestes tempos modernos conservam muito da espectral naturalidade das primitivas gerações humanas – quando a recordação do primeiro homem era ainda distinta -, e cujos descendentes, desconhecendo a própria origem, contemplavam-se uns aos outro como fantasmas e perguntavam ao sol e à lua por que motivo e com que fim haviam sido criados. Época na qual, segundo o Gênesis, se os anjos se uniam às filhas dos homens, também os demônios, acrescentam rabinos não-canônicos, se entregavam a amores mundanos."* (págs. 273-274)

Cheio de premonições, Ismael escreve seu testamento e faz de Queequeg seu executor.

A embarcação aproxima-se de uma tromba fantasma, tensionada entre duas *"forças antagônicas"* que *"pareciam lutar: uma para levá-la ao céu e a outra conduzindo até um ponto no horizonte"*.

> *"Numa serena noite de lua, enquanto deslizávamos sobre essas águas, e as ondas passavam diante de nós como rolos de prata, dando com o seu brando e sufocado murmúrio uma sensação, não de soledade, e sim de argênteo silêncio, vimos de repente, bem distanciada das brancas borbulhas, na proa, uma coluna prateada. Iluminada pela lua, parecia celestial. Dir-se-ia uma deidade esplendente e emplumada surgindo do mar. Fedallah foi o primeiro a descobri-la, porque em noites semelhantes tinha por hábito trepar no topo do mastro grande e permanecer como atalaia, com tanta precisão como durante o dia. Mas como nem mesmo um entre cem pescadores se aventuraria a afrontar baleias durante a noite, conquanto elas sejam vistas então com frequência e em manadas, pode-se bem imaginar com que emoção contemplavam sempre os marinheiros aquele velho oriental encarapitado no alto a horas tão desusadas, turbante e lua companheiros num mesmo céu. Assim, quando depois de cumpridas várias vezes a sua bem regulada vigília noturna, em mutismo absoluto, ele rompeu o longo silêncio para anunciar com voz como que sobrenatural aquela coluna prateada de água banhada pela lua, todos os marinheiros saltaram das macas como ao chamado de um espírito alado que tivesse pousado sobre o cordame, convocando a tripulação mortal.*
> *- Lá está!*
> *O som repentino da trombeta do Juízo Final não teria produzido maior estremecimento e, contudo, não se sentia terror, antes prazer. Porque, apesar da hora insólita, o grito foi tão impressionante e de tão delirante incitação que não houve alma a bordo que não desejasse instintivamente uma descida."* (págs. 275-276)

Aproxima-se o navio Albatroz[11], mas o *Pequod* o despreza e não reduz a velocidade para o *gam*[12].

---

[11] Nota do resumidor – Entre as superstições do mar, consta que o albatroz é uma ave de mau agouro.
[12] Nota do resumidor – O *Gam*, na gíria náutica, é uma confraternização entre dois navios que se aproximaram em alto mar.

(A narrativa é interrompida de novo e Ismael passa em revista os diversos modos de se apresentar baleias em palavras e imagens e menciona ter visto uma criatura marinha que, em princípio confundida com Moby Dick, acabou identificada como uma lula gigante.)

No oceano Índico, a equipe de Stubb mata um cachalote e Ismael aproveita para descrever as habilidades e os heroísmos requeridos de um típico arpoador. Naquela noite, é servido a Stubb um jantar com carne de baleia. Enquanto isso, tubarões devoram a carcaça. O velho cozinheiro Fleece faz-lhes um sermão:

> *"- Vocês são vorazes, irmãos em Deus, e não os culpo muito disso. Está na sua natureza e não se pode dar jeito. Porém é preciso dominar essa natureza, é o que é. Vocês são tubarões, é certo, mas se conseguissem dominar o tubarão que trazem dentro de si, então seriam anjos, porque um anjo não é mais do que um tubarão que se domina. Escutem, irmãos, procurem ser educados uma vez na vida, ao comer essa baleia. Não tirem o espermacete da boca do seu vizinho. Por acaso não têm os outros tanto direito a esta baleia como vocês, tubarões? E por Deus, nenhum de vocês, a falar a verdade, tem direito a ela, que é propriedade de outros. Já sei que alguns dentre vocês têm a boca muito grande... maior que a dos outros, mas muitas vezes as bocas grandes têm estômagos pequenos de modo que a boca grande não é para engolir e sim para tirar o espermacete para as pequenas crias dos tubarões, que não podem meter-se no aperto e servir-se por si mesmas.*
> *- Muito bem, velho Fleece – exclamou Stubb. – Isso é cristianismo."* (págs. 344-345)

(O narrador historia o uso da carne de baleia.)

Acab, no entanto, só pensa em vingança. Ismael pondera os desfechos possíveis daquela obsessão:

> *"Se este mundo fosse uma planície ilimitada e se ao navegarmos para leste pudéssemos descobrir sempre novas distâncias e panoramas mais belos e estranhos do que as Cíclades ou as ilhas Salomão, nossa viagem seria promissora. Porém, lançados em busca dos nossos mais remotos e vagos sonhos e na caça torturante desse fantasma demoníaco que, de tempos em tempos, se infiltra vagaroso em todo coração humano, não chegaríamos, nesta caça através do globo, senão a inóspitas enseadas, ou a naufrágios, no meio do caminho."* (pág. 281)

Outro navio, o Jeroboão, aproxima-se. O *Pequod* encosta para a *gam* e Acab fica sabendo que certo Macey, um tripulante do outro navio, havia sido morto por Moby Dick.

Stubb e Flask matam outra baleia. Queequep resgata Tashtego que havia caído na água, Ismael dá ao leitor mais informações sobre baleias e o *Pequod* encontra outro navio, o Virgem, que não tem notícias de Moby Dick. Ismael discorre mais sobre baleias e o *Pequod* entra no mar de Java onde vence na velocidade piratas malaios, mata outra baleia e encontra mais um navio, o *Bouton de Rose*, que fede horrivelmente por causa de duas baleias em decomposição atadas aos seus flancos, das quais a tripulação está extraindo o óleo[13].

Quando Stubb convence o capitão francês de que as baleias mortas trazem doenças, ele aceita a oferta "generosa" de Stubb para rebocar uma delas. O esperto piloto, já distante do barco francês, remove da baleia morta seis punhados de âmbar-gris[14].

Na próxima caçada, Pip, um pequeno negro do Alabama e um dos zeladores do navio (tripulantes que ficam a bordo enquanto o resto sobe nos botes para caçar) é pressionado para descer a um bote.

[13] Nota do resumidor – Com a tecnologia da época, o objetivo da pesca de baleia é o recolhimento do óleo e do espermacete (dos cachalotes), substância valiosíssima para diversas aplicações. A carne é desprezada por ser difícil de conservar numa época em que não havia geladeiras.

[14] Nota do resumidor – O âmbar-gris, encontrado no intestino das baleias, é valiosa substância usada na indústria farmacêutica e de cosméticos.

Aterrorizado pela violência da caçada, ele pula do bote e, enquanto o salvam, perde-se uma baleia. Mesmo advertido a não repetir aquele comportamento covarde, pula do bote de novo e enlouquece depois de ser salvo pela segunda vez. Ismael acha que ele teve uma experiência mística.

> *"Contudo, desde aquele momento, o pobre negrinho ficou idiota. Pelo menos, assim diziam. O mar conservara em cima o seu corpo finito, porém afogara o infinito da sua alma. Não estava contudo completamente afogado, mas antes transportado vivo a profundezas maravilhosas, onde formas estranhas do mundo primitivo deslizavam de um lado para outro, diante dos seus olhos passivos, e a sereia avara chamada Sabedoria revelava-lhe os seus tesouros amontoados, e entre as eternidades joviais, sem coração, sempre jovens, Pip viu os incontáveis insetos de coral que do firmamento das águas levantavam as órbitas colossais. Viu o pé de Deus sobre o pedal do tear, e falou-lhe, e em consequência disso os seus companheiros o chamaram de louco. Assim a loucura do homem é a sensatez do céu, e o homem, apartando-se de toda razão mortal, alcança finalmente esse pensamento celestial que para a razão é absurdo e louco, e tanto na prosperidade como na miséria sente-se firme, tão indiferente como seu Deus."* (págs. 473-474)

O *Pequod* encontra outro navio, o *Samuel Enderby*, uma embarcação inglesa conduzida pelo capitão Boomer. Perguntado por Acab sobre Moby Dick, Boomer mostra-lhe no lugar do braço uma prótese feita de osso de baleia. O capitão teria sido mutilado durante uma luta vã contra a baleia e havia desistido de perseguir o animal. Acab, ao contrário, está cada vez mais determinado a encontrar e matar a baleia e recusa-se a interromper a expedição, mesmo quando o óleo de baleia começa a vazar dos barris nos porões.

Enquanto isso, Queequeg cai doente de febre e, acreditando que iria morrer, pede ao carpinteiro de bordo que lhe faça um caixão no qual ele pretende partir flutuando. Ismael comenta:

> *"É a aproximação da morte, que coloca a todos os homens no mesmo nível, impressiona igualmente a todos como uma última revelação que somente um autor que voltasse do mundo dos mortos poderia narrar de maneira adequada. De modo que – digamos outra vez – nenhum grego ou caldeu moribundo teve pensamentos mais santos do que aqueles cujas sombras misteriosas víamos arrastar-se pelo rosto de Queequeg, deitado tranquilamente na cama balouçante quando o mar inquieto parecia havê-lo marcado suavemente para o descanso final e a maré invisível do oceano o elevava cada vez mais alto, até o céu do seu destino."* (pág. 542)

No entanto, o selvagem recobra a saúde, dizendo ter *"decidido não morrer mais"*. O narrador continua suas considerações:

> *"A morte parece ser a única sequência desejável para uma carreira semelhante. Mas a morte não é mais do que a partida para as regiões do estranho Desconhecido: não é mais do que a primeira saudação às possibilidades do imenso remoto, do deserto, do áqueo, do ilimitado. Por conseguinte, para os olhos ansiosos pela morte de tais homens, aos quais resta ainda alguma compunção íntima contra o suicídio, o oceano, que para tudo contribui e que tudo recebe, oferece, de modo sedutor, toda uma perspectiva de nova vida de aventuras inimagináveis e maravilhosas que suprimem os terrores. Do coração de Pacíficos infinitos cantam as vozes de mil sereias: 'Vem, ó tu que tens o coração despedaçado. Há aqui uma outra vida, sem o delito de uma morte intermediária. Encontrarás aqui maravilhas sobrenaturais, sem que seja preciso morrer para alcançá-las. Vem! Põe também a tua lápide no cemitério, e vem para que te desposemos!"* (pág. 551)

Depois de o *Pequod* ter entrado no Pacífico, Acab manda Perth, o ferreiro de bordo, forjar um arpão especial para Moby Dick.

> *"- Eu também quero encomendar um arpão. Perth, que nem mesmo mil juntas de diabos sejam capazes de partir algo que se crave dentro da baleia como os ossos das suas*

barbatanas. Aqui está o material – disse abrindo a bolsa sobre a bigorna. – Olha, ferreiro. Uma coleção de pregos das ferraduras de aço de cavalos de corrida.
-Cravos de ferraduras, senhor? Mas, capitão Acab, o senhor tem aqui o material melhor e mais resistente que nós, os ferreiros, já empregamos um dia." (pág. 553)

Quando o arpão fica pronto, Acab o tempera com sangue e o batiza.

"O aço ao qual Perth deu a forma de flecha e soldou à cana marcou bem depressa o extremo do ferro. Enquanto o ferreiro se preparava para dar o calor final à farpas do arpão, antes de temperá-las, gritou para Acab que aproximasse o tonel de água.
- Não, não – exclamou Acab -, nada de água. Quero que tenham a verdadeira têmpera da morte. Atenção. Ali! Queequeg, Tashtego, Daggoo! Que acham vocês, selvagens? Dar-me-ão sangue que baste para cobrir esta lingueta?
Os arpoadores responderam afirmativamente, com a cabeça, fizeram três incisões na carne pagã, e ficaram temperadas as farpas que haviam de ferir a baleia branca.
- Ego non baptizo te in nomine patris, sed in nomine diaboli[15] – rugiu Acab desvairadamente, enquanto o ferro nocivo, abrasador, devorava o sangue batismal." (págs. 554-555)

O *Pequod* se aproxima de outro navio, o *Bachelor*, mas seu capitão nada sabe do paradeiro de Moby Dick e o *Pequod* continua sua busca, matando mais baleias e enfrentando um tufão, a que o navio sobrevive. Starbuck, temeroso de a louca obsessão de Acab acabar em desastre, cogita de matá-lo, depois recua.

Com dificuldades na bússola, Acab conduz a embarcação por instinto. Encontra o *Rachel*, cujo capitão relata ter acabado de perder vários marinheiros – incluindo o seu filho de doze anos – tentando matar Moby Dick. O capitão Gardiner pede a Acab que o auxilie a procurar por sobreviventes, oferece até pagar pela ajuda, mas Acab só pensa na perseguição. O capitão do *Rachel* suplica:

"- Não sairei daqui – dizia ele – enquanto não me disser sim. Comporte-se para comigo da maneira que desejaria que eu me comportasse para com o senhor, em caso semelhante. Porque o senhor também tem um filho... ainda pequeno e abrigado agora, seguro no ninho do seu lar. Um filho da sua velhice... Sim, sim, vai ceder, vejo... Corram, corram, marinheiros, e estejam prontos para bracear.
- Basta! – gritou Acab. – Não toquem sequer um cabo. – E logo, modulando prolongadamente cada palavra, acrescentou: - Capitão Gardiner, não o farei. Agora mesmo estou perdendo tempo. Adeus! Adeus! Que Deus o abençoe, homem, e queira perdoar-me! Tenho de ir. Senhor Starbuck, olhe o relógio da bitácula e dentro de três minutos, a partir deste instante, previna a todos os visitantes de que devem abandonar o navio e em seguida bracear outra vez. E que o navio siga o seu rumo.

(...)

Porém no seu curso vacilante e na sua marcha tortuosa, lamentável, via-se claramente que aquele navio, que chorava tanta espuma, seguia sem consolo. Era Rachel chorando por seus filhos, porque se tinham ido.[16]" (págs. 600-601)

Mais à frente, o *Pequod* encontra o *Delight* que havia perdido cinco homens para Moby Dick, mas Acab não está atemorizado. Ao contrário, excita-se com a proximidade crescente do inimigo.

Finalmente o *Pequod* localiza a baleia branca e uma luta de morte começa. Após dois dias de batalha, há vitória indiscutível do animal, conforme a descrição de um dos ataques frustrados:

---

[15] Nota do resumidor – Segundo correspondência de Melville a Hawthorne, esta declaração de batismo é a chave do livro.
[16] Nota do resumidor – Em Jeremias (31:15) está escrito *"Assim diz o Senhor: ouviu-se um clamor em Ramá, lamentação e choro amargo: Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar por eles, porque já não existem"* e em Mateus (2:18), no episódio da matança dos inocentes, está marcado: *"Ouviu-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação, Raquel chorando por seus filhos, e recusando-se a ser consolada, porque já não existem"*.

"No momento que precedeu a catástrofe, Acab, o primeiro a perceber a intenção do cachalote, tentou com a mão um gesto final para evitar que o bote fosse abocanhado. Porém o bote deslizou ainda mais para o interior da boca do animal, inclinando-se ao mesmo tempo para um costado, o que fez Acab perder o equilíbrio – ao tentar o esforço decisivo e cair com o rosto no mar.

Moby Dick se afastou da sua presa, encrespando a superfície da água, e permaneceu a breve distância, mergulhando verticalmente nas ondas a sua cabeça oblonga e revolvendo ao mesmo tempo o corpo fusiforme, de modo que, quando levantou a fronte enrugada – uns seis metros ou mais fora da água -, a vaga que subia e todas as ondas confluentes se romperam contra ela, arremessando como que por vingança a sua espuma e orvalho a uma altura ainda maior. Assim, numa tempestade, as ondas meio frustradas do Canal se retiram da base de Eddystone, com o único objetivo de arremessar por cima do ápice a sua espuma.

Moby Dick, todavia, recuperando bem depressa a posição horizontal, começou a dar voltas e mais voltas em torno da tripulação náufraga, agitando lateralmente a água na esteira vingadora, como se se preparasse para assestar outro golpe ainda mais mortal do que o primeiro. O espetáculo do bote em estilhaços parecia enlouquecê-lo, como o sangue das uvas e amoras derramado diante dos elefantes de Antíoco, no Livro dos Macabeus. Entretanto, Acab estava semi-afogado na espuma da cauda insolente do cachalote e muito estropiado para nadar, conquanto pudesse ainda manter-se flutuando no centro de um tal redemoinho. A sua cabeça parecia uma borbulha de água que a qualquer momento poderia rebentar. Da popa quebrada do bote, Fedallah observava tranquilamente, sem curiosidade; os demais tripulantes, pendurados na outra extremidade, nada podiam fazer para ajudá-lo, pois tinham de olhar cuidadosamente por si mesmos. Tão espantoso era o aspecto do cachalote branco, e tão velozes os círculos cada vez mais estreitos que formava, que parecia precipitar-se horizontalmente sobre eles. Ainda que os outros botes, ainda ilesos, se mantivessem próximos, não se atreviam a penetrar dentro do redemoinho, para fazer uso dos arpões, pelo receio que tinham de que assim dessem o sinal para a destruição dos náufragos: Acab e os outros que já se encontravam em tão grande perigo. Nem também, neste caso, lhes restaria a menor esperança de escapar. De olhos fixos, pois, permaneciam na margem extrema da zona perigosa, cujo centro era então constituído pela cabeça do velho." (págs. 621-622)

A uma segunda investida no dia seguinte, Moby Dick atinge o bote e, na violência, a perna artificial de Acab perde-se no mar. Starbuck pede em vão que Acab suspenda a caçada, mas o capitão está irredutível e petrificado no seu objetivo.

" – Deus todo-poderoso! – exclamou Starbuck -, mostra-te ainda que seja por um instante apenas! Nunca o capturarás, velho. Em nome de Jesus, acaba com isso, que é pior do que a possessão do demônio. Seguimo-lo durante dois dias, duas vezes nos destruiu os botes, até a tua perna foi arrancada pela segunda vez; a sua sombra maligna desapareceu... todos os anjos bons se reúnem para fazer advertências; que mais queres?... Havemos de perseguir esse peixe assassino até que ele devore o último de nós?... Iremos esperar que nos arraste para o fundo do mar? Que nos reboque para o mundo dos infernos? Oh! oh! É impiedade e blasfêmia continuar a caçá-lo!

- Starbuck, nestes últimos tempos tenho-me sentido impelido para ti, de modo estranho, a todo momento, desde aquele dia em que ambos vimos... já sabes o quê, nos olhos um do outro. Porém na questão do cachalote, teu rosto é para mim como a palma desta mão... um vácuo sem lábios nem feições. Acab será eternamente Acab, homem. Todo o ato será representado infalivelmente. Tu e eu o ensaiamos um bilhão de anos, antes de rolarem as ondas deste oceano. Louco! Sou o lugar-tenente do destino. Apenas cumpro ordens..." (pág. 633)

A luta iria até o fim. Chega o terceiro ataque.

“O arpão foi arremessado. O cachalote ferido correu para a frente, com velocidade fulminante; o cabo desenrolou... porém demais. Acab curvou-se para evitá-lo. Evitou-o, mas uma das voltas lhe agarrou o pescoço e silenciosamente, como os turcos silenciosos degolam as suas vítimas, foi arremessado fora do bote, antes que a tripulação o notasse. Em seguida o pesado laço da extremidade final do cabo saltou como um dardo, do carretel vazio, derrubou um dos remadores e, depois de açoitar as ondas, desapareceu nas profundezas.

A tripulação do bote, tomada de pânico, permaneceu imóvel por um momento e logo, voltando-se:

- O navio? Santo Deus, onde está o navio?

Bem depressa, através de uma atmosfera confusa, ofuscante, os tripulantes do bote distinguiram o fantasma oblíquo e esfumado do navio, como numa miragem de Fata Morgana; apenas os mastros mais elevados apareciam acima da água. Os arpoadores pagãos, cravados, por fanatismo, fidelidade ou destino, nos seus postos, mantinham ainda o olhar fixo no mar. Então círculos concêntricos se apoderaram do navio solitário e de toda a tripulação, de cada remo flutuante e cada haste de lança, e dando voltas, e mais voltas, numa única voragem, arrastaram consigo até o mais insignificante pedacinho do Pequod.

Enquanto as últimas comoções do mar se derramavam, misturando-se, sobre a cabeça do índio descaída junto ao mastro grande, deixando visíveis apenas alguns centímetros do posto ereto e vários metros de bandeira que ondulavam tranquilamente, sobre as ondas destruidoras, pelas quais quase roçavam – neste momento, um braço vermelho e um martelo pairavam no ar livre, no ato de cravar cada vez mais firmemente a bandeira no único mastro que subsistia. Um gavião do mar – que com voz escarninha havia seguido a cruzeta maior, na descida do seu posto natural, entre as estrelas, beliscando a bandeira e importunando Tashtego – introduziu involuntariamente a asa entre o martelo e a madeira; ao sentir simultaneamente o estremecimento etéreo, o selvagem submerso, no seu último estertor, conservou o martelo paralisado ali. E assim a ave do céu, com gritos de arcanjo, o bico imperial erguido para cima, e toda sua forma cativa envolta na bandeira de Acab, afundou com o navio, o qual, como Satã, não quis descer ao inferno sem arrastar consigo uma parte do céu, para lhe servir de elmo.

Pequenos pássaros voavam, gritando sobre o último bocejo da voragem, uma tétrica espuma branca bateu de encontro aos costados empinados e logo tudo se acalmou, e a grande mortalha do mar continuou a ondular, com a sua ondulação imutável, a mesma de há cinco mil anos.” (págs. 645-646)

Apenas Ismael sobrevive flutuando no caixão de Queegueg e é resgatado pelo *Rachel*: *“O errante Rachel, voltando em busca de seus filhos perdidos, apenas encontrou um outro órfão”*.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da 1ª. edição de “Moby Dick” da Ediouro Publicações, 1998, São Paulo, tradução de Berenice Xavier).